

uma possível fuleragem pictórica

CAMILA SOATO

Atua principalmente nos seguintes temas: arte contemporânea, feminismo, fuleragem, gênero e pintura. Camila Soato, nasceu em Brasília, vive e trabalha em São Paulo. Desenvolve pesquisas prático-teóricas em pintura, desenho e performance. Por intermédio de pinceladas expressivas e até mesmo com uma certa agressividade nas suas pinturas, combina imagens cômicas apropriadas do cotidiano banal, trabalha com o elogio ao descuido, assumindo o erro como índices poéticos. Escorridos, manchas e sujeiras, oriundos de um método de trabalho que privilegia o improviso, são protagonistas juntamente com personagens atrapalhados ou perversos em cenas esdrúxulas. Tudo isso é justaposto á narrativas bizarras. É formada em Artes Visuais pela Universidade de Brasília, na qual também é mestre em Poéticas Contemporâneas pelo Programa de Pós Graduação em Artes. Doutorado em curso em poéticas contemporâneas na Universidade de São Paulo.

Afiliação: Universidade de São Paulo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7396463389257930>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6937-1952>

• RESUMO

O presente ensaio visual trata dos caminhos e processos criativos percorridos por mim na realização das minhas produções poéticas. Esse texto é uma mistura de ficção, memórias, investigações teóricas e poéticas. Aborda trabalhos poéticos que mesclam o contexto presente às lembranças de infância, como um ponto de partida. Trabalhos que refletem sobre o desejo de deflagrar a invisibilidade imposta ao sujeito com o qual me identifico através da pinturas e, por isso, aponta para um olhar feminista no desenvolvimento tanto do trabalho prático como teórico.

• PALAVRAS-CHAVE

Pintura. Processo criativo. Fuleragem. Feminismo.

• ABSTRACT

This essay deals with the paths and creative processes followed by Camila Soato in the realization of her poetic productions. This text is a mixture of fiction, memories, theoretical and poetic investigations. It addresses poetic works that mix the present context with childhood memories, as a starting point. Works that reflect on the desire to trigger the invisibility imposed on the subject with which I identify myself through paintings and, therefore, points to a feminist look at the development of both practical and theoretical work.

• KEYWORDS

Painting. Creative process. Fuleragem. Feminism.

antes de mais nada

As lembranças de infância reverberam nos estudos dentro da universidade e estes retornam às memórias com um olhar investigativo, materializado em forma de pesquisa prática e teórica. Um processo que se retroalimenta. A pintura foi a forma que encontrei de organizar e expressar os pontos de vista e reflexões sobre as coisas. E essa pesquisa é uma tentativa de compreender a pintura, a arte, as situações, acontecimentos e contextos que me atravessam. Desta maneira, decidi conduzir minha escrita por meio de relatos que se inter cruzam com o processo de produção poética e investigações teóricas. Uma das motivações dessa escolha foi acreditar que cada trabalho é contaminado pelas experiências vividas, seus rumos e planejamentos são abertos aos desvios. Ademais, as buscas teóricas são provocações poéticas que me instigaram na produção das pinturas que aqui apresento.

Iá em Planaltina Goiás

Quando eu tinha uns sete ou oito anos saí da casa da minha avó para dar uma volta de bicicleta. A casa ficava na cidade de Planaltina de Goiás, a uma hora e vinte minutos da rodoviária de Brasília. Da minha bicicleta em movimento observava a paisagem percorrida rapidamente, composta por ruas de terra batida, uma igreja católica que marcava o centro da cidade, uma feira de hortifruti, um mercado de trocas (feira do rôlo), botecos intercalados por padarias e casas da luz vermelha (como chamávamos os puteiros). As ruas eram sempre repletas de animais batizados pela vizinhança e outros personagens caricatos do local. Tinha desde boi, cavalo, cachorro copulando na esquina, cabrito, gato, periquito, pintinho, tudo ali em meio a uma cavalaria de meninos que chegavam montados em bicicletas, com altas varas de bambu e um único objetivo: caçar a pipa que foi aparada pela rabiola.

Certa vez parei de bicicleta no mercado de trocas. Perambulei pela feira do rôlo e me perdi fascinada, instigada por tampas velhas que na imaginação viravam botões de uma máquina de abrir pirulito ou sapatos de um só pé percebidos como fantasias de algum personagem inventado. Montes de canos de PVC usados, pilhas de tomadas velhas, restos de quinquilharias não-identificadas, galinhas, patos, carroças e restos do que um dia foi um

brinquedo, me despertaram a vontade de trocar algo e fazer parte daquilo, que na minha cabeça, era um grande jogo, brincadeira de gente grande. Naquele momento, a única coisa que eu tinha para oferecer em troca era a bicicleta. E foi assim que eu levei Hermeto, um pangaré velho que andava mancando e tinha um dente só, para casa da minha vó. Nem tinha entrado pelo portão e Dona Tereza, vendo a cena esdrúxula do pangaré manco, gritou de longe perguntando: "que fuleragem é essa! Não pode descuidar que essa menina faz arte!". E eu respondi, orgulhosa, que tinha feito um negócio na feira do rôlo, trocado minha bicicleta por aquele cavalo.

Barganhar uma bicicleta por um cavalo é uma desmesura, uma relação sem medida, típica de uma feira do rôlo, onde o imprevisto e o acaso atuam com mais prevalência do que as relações monetárias usuais. Nas pinturas apresentadas, tais elementos norteiam as escolhas poéticas e estéticas, assim como também o método, a pesquisa, as investigações e o processo de produção. Esse universo de tranqueiras permutadas é o que provocava o meu olhar e hoje alimenta as imagens que construo nas pinturas. A atmosfera mambembe de cores terrosas, a sujeira, o clima de improviso, as situações bizarras e cômicas que presenciava nas ruas são o ponto de partida. Trazer a fuleragem para o campo da arte contemporânea, destituindo-a de sua carga pejorativa e discutindo-a como um método de produção poética, é o fio condutor para a coleta e construção das imagens que utilizo em minhas pinturas. Assim como os conceitos engendrados a partir do fazer poético, conecto essas memórias ao meu contexto atual. Para isso, utilizo as informações do mundo, internet, rua, televisão e conversas de ônibus, me apropriando das imagens instigadas pelo cotidiano e as transporto para o suporte pictórico.

Esses cenários me possibilitam imaginar narrativas e, assim, as memórias abrem campos permeáveis, que são atravessados pelo presente. Marcada por uma infância vivida numa casa em constante transformação, reformada com gambiarras e puxadinhos, paredes que mudavam constantemente de cor pela presença de musgos, rachaduras, poeiras, desgastes do tempo e de traquinagens infantis. Fui levada a pensar meu processo de produção de forma análoga: aberta a contaminações. Antes da manufatura do trabalho, na maioria das vezes, há um processo imaginário em andamento. O presente carrega uma história anterior, que pode ou não ser fiel

• 334

aos acontecimentos passados. As memórias se emendam com a imaginação e as situações começam a tomar forma.

As lembranças dos caminhos percorridos na cidade e as vivências da infância suscitam o processo em que a consciência presente desencadeia e atrita com o universo imagético digital coletado. As justaposições de imagens se atentam para o aprofundamento em camadas de um discurso político, estético, social e cultural. As pinturas criam um vai e vem da percepção. Apesar das imagens serem figurativas, ou constituídas por narrativas aparentemente óbvias, dividem o espaço com uma gama de elementos pictóricos abstratos de forma não hierarquizada. Assim, é possível que a cada olhar, o público possa perceber outras relações. Fugacidades que se desfazem e se recriam, combinações e justaposições de narrativas deslocadas de seus contextos originais e recontextualizadas, como podemos observar nas pinturas subsequentes.



A Bagaceira. Nada é tão calmo quanto parece 10, óleo sobre tela, 30 x 40 cm, 2014. Foto: • 336 Zipper Galeria.



Dialogismos mixurucas nº56, óleo sobre tela, 32 x 45 cm, 2014. Foto: Zipper Galeria.

337

•



Dialogismos mixurucas nº54, óleo sobre tela, 32 x 45 cm, 2014. Foto: Zipper Galeria.

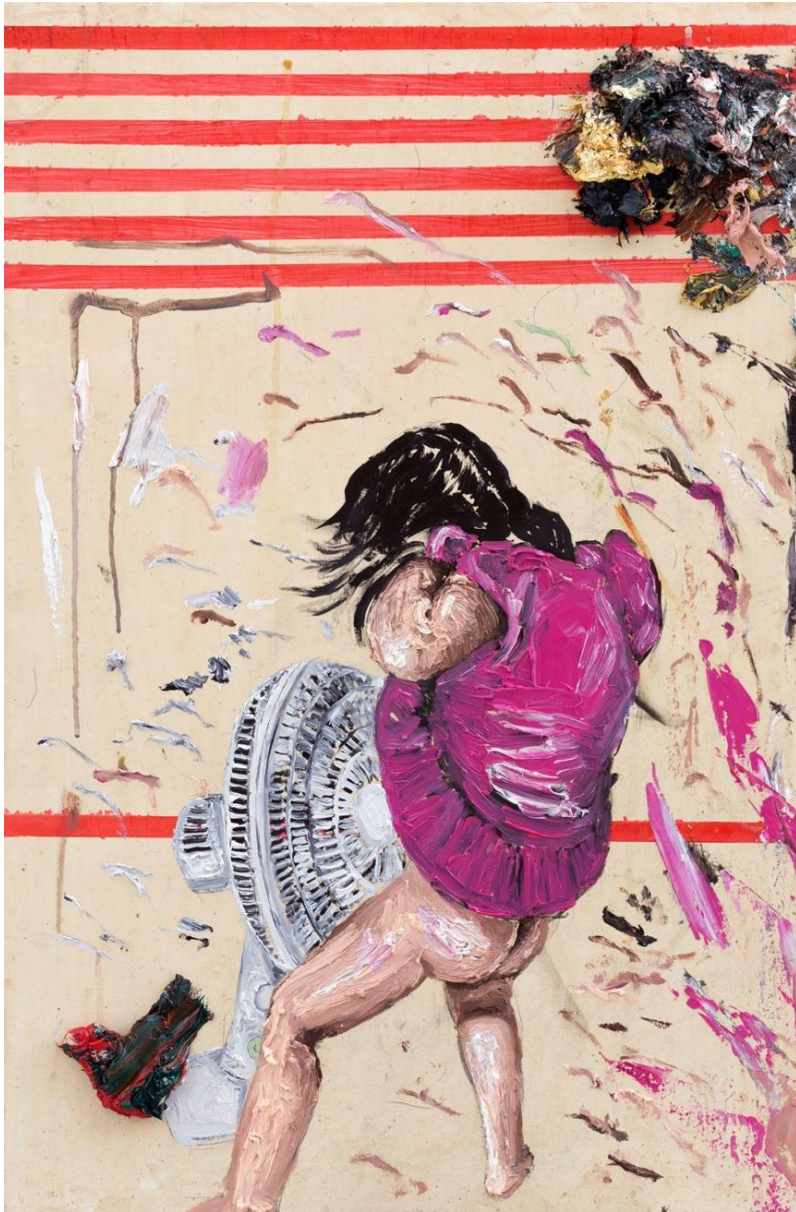
• 338



Experiência polissistêmica nº11, óleo sobre tela, 45 x 32 x 4 cm, 2013. Foto: Zipper Galeria.

339

•



• 340

Ventilador na ppk dxs outrxs é refresco, óleo sobre tela, 60 x 40 cm, 2017. Foto: Zipper Galeria.



341

- Resistência IX, óleo sobre tela, 40 x 50 cm, 2017. Foto: Zipper Galeria.



Nóis é resistência e num arregá, óleo sobre tela, 40 x 70 cm, 2017. Foto: Zipper Galeria.



343

•

Amigo da onça e do Zeca urubu, óleo sobre tela, 70 x 40 cm, 2017. Foto: Zipper Galeria.



• 344

Estilingue, óleo sobre tela, 100 x 50 cm, 2017. Foto: Zipper Galeria.



Resistência I, óleo sobre tela, 50 x 100 cm, 2017. Foto: Zipper Galeria.



Resistência III, óleo sobre tela, 50 x 100 cm, 2017. Foto: Zipper Galeria.



• 346

Trans desde 1752, óleo sobre tela, 120 x 150 cm, 2015. Foto: Zipper Galeria.



347

- Courbet sem Courbet, óleo sobre tela, 120 x 150 cm, 2015. Foto: Zipper Galeria.



Ocupar e resistir 1, óleo sobre tela, 200 x 300 cm, 2017. Foto: Zipper Galeria.



349

•

Liga o foda-se, óleo sobre tela, 200 x 100 cm, 2017. Foto: Zipper Galeria.



Imundas e Abençoadas 0, óleo sobre tela, 240 x 300 cm, 2014. Foto: Zipper Galeria.

• 350

Considerações finais

Ao escrever sobre os caminhos trilhados nessa pesquisa artística, observei a necessidade de elaborar métodos próprios e para isso, foi preciso estar aberta, como um corpo fuleiro, ou corpo “mundiça”, que brinca, joga e se desvia daquilo que é pré-determinado, sem se preocupar com a assepsia imposta. O corpo que se suja satisfeito e limpa a mão na tela. Limpa os pincéis e deixa tudo ali, anti-higiênico e caótico. Sujo, bagunçado e organizado ao mesmo tempo. Ambivalente e contraditório.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. Profanações. São Paulo: Ed. Boitempo, 2007.

AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz de. Corpos informáticos. Performance, corpo, política. Blog cuerpos elocuentes. 31 de janeiro de 2017. Disponível em: CORPOS INFORMÁTICOS. PERFORMANCE, CORPO, POLÍTICA (wixsite.com). Acesso em: 13 jan. 2021.

DESPENTES, Virginie. Teoria King Kong. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

HAMMOND, Harmony. Artistas lésbicas In: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (org.). Histórias das mulheres, histórias feministas: antologia. São Paulo, Masp, 2019, p. 82-84.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MANESCHY, Orlando. Sequestros: imagem na arte contemporânea. Belém: EDUFPA, 2007. MANESCHY, Orlando; CAMARGO, Ana Paula Felíssimo. Já Emergências Contemporâneas. Belém: EDUFRA – Território Móvel, 2008.

MOURA, Maria Lacerda de. A mulher é uma degenerada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

351

- MULHERES radicais: arte latino-americana, 1960-1985. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

NOCHLIN, Linda. Por que não existiram grandes mulheres artistas? In: PEDROSA, Adriano;

MESQUITA, André (org.). Histórias da sexualidade: antologia. São Paulo, Masp, 2017, pp.16-37.

PARKER, Rozsika. A criação da feminilidade. In: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (org.). Histórias das mulheres, histórias feministas: antologia. São Paulo, Masp, 2019, p. 95-109.

PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (org.). Histórias da sexualidade: antologia. São Paulo, Masp, 2017.

PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (org.). Histórias das mulheres, histórias feministas: antologia. São Paulo, Masp, 2019.

RUBIN, Gayle. Políticas do sexo: Gayle Rubin. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo, Ubu Editora, 2017.

RUSSO, Mary J. O grotesco feminino: risco, excesso e modernidade. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras: São Paulo: EDUSP, 2008.

TRIZOLI, Talita. O Feminismo e a Arte Contemporânea - Considerações. In: 17° ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS PANORAMA DA PESQUISA EM ARTES VISUAIS (ANPAP), 2008, Florianópolis. Anais eletrônicos.

• 352

Como Citar

SOATO, C. uma possível fulleragem pictórica. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 20, n. 1, [s.d.]. DOI: 10.14393/OUV-v20n1a2024-67266. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/67266>.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.